

Fechando lacunas: franquistas, antifranquistas e os imigrantes espanhóis no Brasil

João Fábio Bertonha*

Gattaz, André C.

Braços da resistência – Uma história oral da imigração espanhola
São Paulo: Ed. Xamã, 1996

A HISTORIOGRAFIA REFERENTE À IMIGRAÇÃO europeia e asiática, que trouxe quase cinco milhões de imigrantes para o Brasil entre os séculos XIX e XX, tem se caracterizado por uma produção bastante razoável, persistindo, contudo, uma brutal desigualdade na seleção de temas e etnias estudados. Nesse sentido, há quase uma superprodução (se é que é possível usar esse termo em História) de textos sobre certos aspectos da grande migração e uma angustiante ausência sobre outros.

Como exemplo podemos citar a historiografia referente à imigração italiana em São Paulo e, especialmente, no Rio Grande do Sul, ou aquela que aborda a inserção dos alemães neste estado e em Santa Catarina, que já reúnem uma grande quantidade de informações à disposição dos interessados. Claro que ainda resta muito a ser pesquisado e reinterpretado na história dessas etnias, mas a situação é muito mais confortável se comparada à relativa falta de trabalhos abordando comunidades menores, como os sírios, armênios, judeus, bálticos etc. Além disso, verifica-se uma escassez de estudos sobre portugueses e espanhóis que, apesar de terem migrado em massa para o país (700 mil pessoas, apenas para o caso espanhol), foram relativamente esquecidos – talvez por serem considerados os mais facilmente assimiláveis – pela produção historiográfica nacional.

* Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá.

Quanto aos aspectos estudados, existem certos filões sobre os quais, embora sejam necessários ainda muitos estudos, já há bibliografia considerável, como acontece com as questões de mobilidade social e integração cultural dos imigrantes. Outros permanecem menos tratados, como é o caso da relação dos imigrantes com a política, tanto no que diz respeito a sua inserção na vida política brasileira, quanto a seu relacionamento com movimentos e regimes políticos das suas pátrias de origem.

No sentido de diminuir tais lacunas é bem vindo o recém lançado trabalho de André Gattaz, que aborda, a partir da história oral, a experiência dos cerca de 120 mil espanhóis que emigraram para o Brasil nos anos 1940-50 desse século e, mais especialmente, os antifranquistas forçados a abandonar a Espanha pelo regime de Franco. O livro se divide em três partes, sendo uma relativa à história dessa migração e seus desdobramentos no país; outra contendo os depoimentos integrais dos entrevistados, e uma terceira, finalmente, trazendo reflexões sobre o uso da história oral como fonte histórica.

Para os historiadores da imigração são mais interessantes os dois primeiros capítulos, que tratam do cotidiano espanhol pós Guerra Civil, da perseguição maciça (econômica e política) aos não aderentes ao franquismo e da emigração dos mesmos para vários lugares do mundo, incluindo o Brasil. Aqui, aprendemos sobre a vida desses antifascistas emigrados, que mantêm intensas atividades recreativas e de propaganda anti Franco em torno de um *Centro Democrático Espanhol* em São Paulo, e um apoio discreto, mas efetivo, às atividades do Partido Comunista Espanhol no Brasil nos anos 50 e 60.

O livro teria ficado certamente mais ágil se fizesse menos referências à metodologia e às técnicas de história oral empregadas, mas, a despeito disso, é um mergulho numa realidade desconhecida, cumprindo os objetivos propostos. Dizer que o autor cumpre os objetivos não significa ignorar, porém, que o trabalho pode e deve ser ampliado, seja pelo autor, seja por outros que queiram seguir seus passos. E isso poderia ser feito em dois níveis: na questão das fontes e na ampliação do próprio tema. Com relação ao último ponto, é realmente interessante perceber como a ação de franquistas e antifranquistas no Brasil não se iniciou apenas nos anos 50, estando presente desde os anos 30, quando os adeptos e os inimigos de Franco começaram sua disputa também no Brasil.

De fato, as pesquisas do autor com um tema correlato (fascistas e antifascistas italianos em São Paulo) têm permitido o levantamento de diversas informações interessantes sobre atividades anti Franco em São Paulo já nos anos 30. Ficamos sabendo, por exemplo, de contatos dos mesmos com os antifascistas italianos de São Paulo; da existência de jornais antifranquistas como *Gaceta Hispanica* e *Espana Republicana*; de atividades de propaganda antifranquista por parte do *Centro Republicano Espanhol*, inclusive com tentativas de cooptação dos operários espanhóis do Brás;

e que, ainda em 1941, estas atividades incomodavam o governo espanhol, que solicitava continuamente providências ao Itamaraty.

A mesma observação pode ser feita para o outro lado da barricada, ou seja, a atividade franquista entre os espanhóis do Brasil. No caso, somos informados que, no período da Guerra Civil, houve uma transposição do conflito para as colônias espanholas fora da Espanha e que, em fins da década de 30, o franquismo começou a ser mais fortemente divulgado no exterior. No caso brasileiro, temos evidências da existência de vários jornais nacionalistas espanhóis no fim dos anos 30; de atividades gerais de propaganda e vigilância sobre a coletividade espanhola; de apoio logístico da Embaixada às atividades falangistas no país, e de alguma vigilância policial sobre as mesmas na época da guerra. Também há referências a uma ou outra atividade conjunta de falangistas espanhóis e integralistas. No mais, pouco se sabe, e seria este um excelente tema para uma monografia específica, que complementasse as informações presentes no livro de André Gattaz.

A ampliação desse estudo não poderia, porém, ser baseada, exclusivamente, em fontes orais. Outros tipos de documentação deveriam também ser explorados e sua disponibilidade é bastante animadora. Nesse sentido, mencionamos, por exemplo, os acervos recém abertos das delegacias do DOPS de São Paulo e Rio de Janeiro (onde, inclusive, há uma série temática denominada “Espanhol”); as fontes diplomáticas italianas e americanas, e aquelas pertencentes aos órgãos de segurança e espionagem americanos que, preocupados com a ameaça representada pelas atividades falangistas na região entre 1939 e 1943, agiam na América Latina. Há também, obviamente, a documentação produzida pelos consulados espanhóis no Brasil desde meados dos anos 30 até os anos 70, verdadeira preciosidade para os estudos sobre o tema. Arquivos menores, como os pessoais, os jornalísticos e os judiciários (Processos de Expulsão de estrangeiros e do Tribunal de Segurança Nacional, disponíveis no Arquivo Nacional, por exemplo) também poderiam ser mobilizados para a tarefa de complementar as fontes orais.

Podemos concluir, assim, que o livro de André Gattaz cumpre, dentro de suas limitações, o papel para o qual foi destinado, devendo ser considerado não o fim, mas o início de um processo que nos permita recuperar tanto os “temas marginais” quanto os “homens esquecidos” na história da imigração no Brasil, recolocando-os no lugar devido dentro da história do país que abandonaram e também na história do país que adotaram para viver.